

Festival Contos d'Avó tenta recuperar os serões de outros tempos

Até domingo, em três freguesias de Vila Nova de Famalicão, contadores de histórias profissionais entram em casa de avós para os encantar e para encantar filhos, netos, bisnetos, amigos, vizinhos e quem mais quiser aparecer

Reportagem Ana Cristina Pereira

Francisca Monteiro Azevedo escolheu um vestido verde e um casaco de manga curta da mesma cor. Não sabe bem quem lhe irá aparecer no quintal no final desta sexta-feira, mas quer estar bonita. E fica um tanto apreensiva ao ver material alheio sobre a sua relva.

- Sei lá o que eles estão aí a preparar - comenta ela.

- Eles é que têm de saber - sossega-a Maria José, a filha mais velha, sentando-se ao lado dela.

- Não sei quem vai vir. Que venha quem quiser! Eu até estava preocupada. Achava que não devia deixar vir sem oferecer alguma coisa, mas disseram que não, que não.

Contos d'Avó é um festival de contadores de histórias que em vez de estar sossegado numa sala salta de casa em casa, de avó em avó, em Vila Nova de Famalicão. De algum modo, tenta recuperar os velhos serões à lareira.

A vontade de fazer um festival de contadores de histórias andava na cabeça do actor Bruno Martins desde que se aventurou pelo Algarve. Em Janeiro, o Teatro da Didascália criou uma plataforma de intervenção cultural a que chamou Espaço Mutante, com sede na antiga escola primária de Giestais, na freguesia de Joane. E essa vontade misturou-se com a vontade de explorar espaços que à partida não receberiam propostas artísticas.

A sua ideia era juntar avós, netos, bisnetos, amigos, vizinhos, desconhecidos interessados em ouvir e em contar histórias. O tiro de partida desta primeira edição do festival, patrocinado pela autarquia, aconteceu quinta-feira à noite, no Parque da Ribeira, em Joane. Mas a primeira sessão como manda o figurino acontece aqui, nas traseiras da casa da avó Francisca e do avó Deusidino Correia, em Vermoim.

Deusidino tira da parede uma fotografia emoldurada do casal e dos 15 filhos e, orgulhoso, tráz-la cá para fora.

- Tenho de ter cuidado senão, ao

fim de quase 70 anos de casamento e de me dar esta tropa toda, ela foge-me.

Francisca repreende-o, não vá ele tropeçar nalgum cabo ou deixar escorregar a imagem. Estão com 88 anos. Nem um nem outro têm a força ou a firmeza de outros tempos.

- O meu pai só queria ter três filhos, mas, para não criar problemas de consciência à minha mãe, teve mais - conta Maria José.

- A gente, antigamente, guiava-se pela cabeça do padre da freguesia. Filhos era quantos Deus mandasse - explica ela.

- Se assim fosse, tinha para aí 25 filhos - ri-se o marido.

- Tiveram sempre saúde, graças a Deus - torna ela.

- Graças a Deus e a Noé - ri-se ele.

Catorze filhos vivem num raio de cinco quilómetros. E há 38 netos, 12 bisnetos. Muitos estão a chegar agora para assistir à sessão programada para as 19h. "Vimos porque pode ser interessante e para lhes fazer companhia", explica Maria José. "Com a idade, já tudo lhes faz confusão."

O receio dos idosos, revela Bruno Martins, foi uma das principais dificuldades enfrentadas pelos organizadores do Contos d'Avó. Quem lhes garantia que aquela gente não queria burlá-los? Os noticiários trazem amiúde histórias de idosos enganados.

Recorreram a três instituições

"Eu disse à senhora que veio aqui: 'Tenho muita largueza, esteja à vontade, mas não conte nem comigo nem com o meu marido para contar histórias'", relata Francisca Monteiro Azevedo

particulares de solidariedade social de outras tantas freguesias de Famalicão - O Recreio do João, o Centro Social de Pousada de Saramago e a Associação Teatro Construção. Foi através delas que perceberam com que avós podiam contar para acolher uma sessão.

Para Bruno Martins, esta é uma oportunidade de conhecer a identidade do público do Teatro da Didascália. "E de perceber de que histórias ainda se lembram, que espírito mantêm disto de contar histórias, se é que esse espírito não se perdeu".

"Quem me pediu foi uma senhora daqui do Recreio do João", conta Francisca. "Eu disse à senhora que veio aqui: 'Tenho muita largueza, esteja à vontade, mas não conte nem comigo nem com o meu marido para contar histórias'. A gente agora o que é que vai contar? Deus me livre!"

Deusidino contava histórias aos filhos quando eram pequenos. Preocupava-se muito com a educação das suas crianças, sobretudo das meninas.

- Sabe o que ele dizia? Dizia que queria dar curso às filhas. Se um dia casassem e tivessem de dar um chuto aos maridos, eram livres.

- Dizia isso com convicção. O mundo há 50 e há 40 anos já dava ideia do que ia ser. Insisti que as minhas filhas estudassem pensando que se não estudassem seria difícil viverem. Estudaram todas menos uma, que se cansou.

Não se limitava a contar-lhes contos que lhe tinham sido contados pelos seus pais ou avós. Era leitor do extinto *O Comércio do Porto*. Para aguçar a curiosidade dos filhos pelo mundo, lia-lhes notícias e perguntava-lhes o que pensavam sobre o assunto. Chegou a promover serões de teatro na freguesia.

Era técnico numa fábrica têxtil este homem a quem a idade e as doenças não tiraram o sentido de humor. Faziam muitas festas neste quintal. Tantas filhas casadas. Tantos netos baptizados. Tantas sardinhas. E agora vai começar um espectáculo.

São seis contadores de histórias.



Francisca e Deusidino, casados há 68 anos, abriram as suas portas



Breves

Férias

ASAE detecta falta de higiene em alojamentos

Um terço dos alojamentos locais inspeccionados pela Autoridade para a Segurança Alimentar e Económica (ASAE) cometem infracções como falta de registo e incumprimento dos requisitos mínimos de segurança e higiene. A ASAE aumenta a fiscalização nesta época em que muita gente aluga alojamentos para férias. Foram fiscalizados 78 operadores, mas esta entidade recorda que o Verão ainda vai a meio.

Exposição

Torres dos Clérigos dentro da Torre dos Clérigos

Amanhã, Dia Mundial da Fotografia, é inaugurada a exposição Parabéns Torre dos Clérigos. 75 pessoas reuniram 500 fotografias, que, até 22 de Setembro, serão projectadas no interior do monumento, que faz 250 anos. Responderam a um desafio lançado no Facebook, no grupo Porto Photography. No Centro Português de Fotografia continua a mostra A Torre dos Clérigos e os seus Fotógrafos.

Castelo de Vide

Festival Andanças arranca amanhã e termina no domingo

Cerca de mil artistas participam na 18.ª edição do Andanças. O festival decorre de amanhã até ao próximo domingo, na zona da albufeira de Póvoa e Meadas, em Castelo de Vide. Ao longo da semana espera-se que mais de 20 mil pessoas participem nas múltiplas actividades ligadas à música e à dança promovidas pela Associação para a Promoção da Música e Dança PédeXumbo.

FOTOS: DATO DARA SÉLIA



Familiares, vizinhos e até alguns desconhecidos apareceram

A esta casa de pedra virada para a Rua da Saudade calhou Thomas Bakk. Formado em Arte Dramática, autor, actor e contador de histórias, tem um reportório feito de contos de sua autoria e de contos tradicionais. Socorre-se do teatro, da pandeireta, canta, interage com o público.

Cada contador de histórias tem as suas particularidades. Estes seis foram escolhidos a pensar numa certa diversidade. “Têm sotaques diferentes”, resume Bruno Martins. Thomas Bakk, por exemplo, é do Brasil, embora viva em Portugal. Este domingo, pelas 19h, em Casa da avó Rosa Duarte, em Joane, Sofia Freitas apresenta o seu “Entre fios & missangas”, que cruza histórias reais com contos do escritor moçambicano Mia Couto. Segunda e terça-feira, Cláudia Sousa, que foi responsável pelo serviço educativo da Biblioteca Municipal Aquilino Ribeiro, em Moimenta da Beira, e do Auditório Municipal Carlos Paredes, em Vila Nova de Paiva, entra no universo de outros avós, primeiro em Pausada de Saramagos, depois em Vermoim. Quarta-feira, em Joane, Patrícia Amaral, que ouviu, transcreveu e classificou centenas de contos populares, traz o cheiro da serra algarvia. Até 24 de Agosto, outros contadores de histórias em casa de avós. O festival fecha do-

mingo, às 22h, no Espaço Mutante.

Com ligeiro atraso, os convidados sentam-se nas cadeiras de plástico dispostas sobre a relva. Só a avó Francisca e o avô Deusidino têm cadeiras de madeira. Há qualquer coisa de gnomo no homem que lhes fala, ladeado por dois cães de louça, sentado num banco demasiado alto.

Várias crianças acomodam-se entre os adultos. O bisneto Gil, de seis anos, está na fila da frente, ao lado do irmão, de dois, que não sossega, repetindo alguns dos sons que vai ouvindo sem perceber. Os pais contam-lhes histórias para adormecer,

Talvez ninguém saiba que a ideia de Bruno Martins era “abrir, dar oportunidade a uma roda de contos”.

“É algo que todos nós sabemos fazer, só que desaprendemos”, diz

mas isto é diferente. “Nunca ouvi contar histórias noutra casa!”

Thomas Bakk desfia história atrás de história. Conta, por exemplo, a história do rato que se torna gato, que se torna cão, que se torna leão, que se torna homem, que se torna rato. Conta, por exemplo, a história da cozinheira que quer fazer composta de banana, mas a quem um macaco roubou a fruta. Perante o entusiasmo alheio, não consegue parar, abrir espaço para desafiar quem está na plateia a contar as suas próprias histórias.

Ninguém parece sentir essa necessidade. Talvez ninguém saiba que a ideia de Bruno Martins era “abrir, dar oportunidade a uma roda de contos”. “É algo que todos nós sabemos fazer, só que desaprendemos”, diz. Talvez a vontade de contar, em família, tenha saído fortalecida desta sessão.

“Não estávamos à espera que fosse assim”, comenta, no final, uma das filhas do casal anfitrião, Anabela Maria. “Não sabíamos muito bem o que ia ser isto, mas é muito interessante esta abertura à comunidade através das famílias.” Aqui mesmo surgem candidatos para o próximo ano. Um anúncio faz-se em cima de uma mesa: a avó Francisca e o avô Deusidino terão mais um filho transformado em avô. Raquel, a neta que vive na Suíça, está grávida.